



PAPEL DO VERBO NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA: UM ESTUDO DE CASO DO USO DO PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO NO GÊNERO CONTO

ELIZABETH DA SILVA MACENA

 **RESUMO:** O ensino de língua materna na Educação Básica atualmente passa por uma fase de constantes questionamentos em relação ao que deve e ao que não deve ter lugar no currículo da disciplina escolar. Considerando-se que as questões relacionadas aos estudos reflexivos de língua e linguagem são as que se mostram mais polêmicas, este trabalho traz uma análise de um problema de uso da língua que acredita ser importante no desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos do Ensino Fundamental II. Abordam-se os aspectos gramaticais do verbo no passado aplicados ao texto narrativo, atitudes comunicativas e ao uso reflexivo da linguagem.

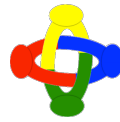
 **ALAVRAS-CHAVES:** Tempos verbais. Pretérito mais-que-perfeito. Texto narrativo.

1. INTRODUÇÃO

O ensino de língua materna na Educação Básica atualmente tem procurado resposta para o questionamento do que se deve ensinar, em relação à língua, aos meninos e meninas que, falantes nativos, quando chegam à escola, já a dominam de forma suficiente para se comunicarem em diversas situações e contextos sociais.

Os estudos mais recentes nas áreas de linguística e educação em língua materna abordam a questão sob o ponto de vista da pluralidade cultural que se reflete na língua e na importância de que a escola saiba respeitá-la e, ao mesmo tempo, instrumentalizar o aluno com elementos de um conhecimento que o permitam ir além do senso-comum e da cultura popular. Quando se fala em estudos de língua, isso se traduz em propiciar ao aluno o contato com as várias possibilidades que sua língua materna oferece para torná-lo um sujeito cada vez mais competente linguisticamente.





É a partir dessa perspectiva que este trabalho tecerá uma breve análise de um problema de uso da língua encontrado com frequência significativa em textos de alunos do Ensino Fundamental II, principalmente do 6º e do 7º ano, de uma escola pública do município de Cubatão no litoral de São Paulo. Acredita-se que tal equívoco no uso de certas estruturas verbais possa comprometer a clareza e a coesão de suas produções escritas, mais especificamente de seus textos narrativos.

É comum, em textos narrativos, que os alunos confundam o uso do tempo passado quanto aos diferentes aspectos que o verbo pode apresentar em relação à ordem em que os fatos ocorrem. Tal dificuldade, que muitos dos alunos do 7º ano apresentaram, é um fator a ser pensado nas aulas de produção textual porque pode comprometer a lógica do texto, portanto, representa um problema de coerência textual. A devida ordenação dos fatos é fundamental para manter o texto coeso e coerente.

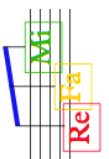
Foram analisadas 30 redações de alunos do 7º ano, das quais 5 apresentaram o mesmo problema. A proposta de produção de texto foi aplicada na disciplina de Ciências, os alunos deveriam escrever um conto de terror com base no que haviam estudado ao longo do primeiro bimestre na disciplina, que tratou sobre doenças virais, suas causas e formas de tratamento.

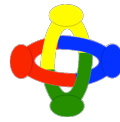
2. CONTRIBUTOS TEÓRICOS PARA COMPREENDER O PRETÉRITO-MAIS-QUE-PERFEITO

A noção de que o referido tempo expressa uma ação ocorrida no passado anterior a uma outra ação também no passado é a que encontra respaldo em diferentes estudiosos da área. Cunha e Cintra (2001) afirmam que o mais-que-perfeito “indica uma ação que ocorreu antes de outra já passada” e Bagno (2012), que “descreve o evento como concluído antes de outro também ocorrido no passado”.

Uma abordagem mais detalhada sobre o assunto e que será útil para o tratamento desse tempo no texto, tarefa a que este trabalho se propõe, pode ser encontrada em Castilho, para quem

Tempo é uma propriedade da predicação cuja interpretação tem de ser remetida à situação de fala. É assim que se pode representar a anterioridade, a simultaneidade e a posterioridade. Só podemos entender essas fatias do tempo tomando como ponto de referência o sujeito falante. (CASTILHO, 2010, p. 418)





Como pode-se depreender dessa definição, são três os tempos verbais: presente, passado e futuro. O pretérito mais-que-perfeito seria, então, uma das formas de se posicionar um fato no passado. Trata-se de uma ação já concluída no passado, portanto, de aspecto perfectivo. A seguir, mais uma contribuição do professor Castilho para tal reflexão.

O aspecto verbal é uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender. [...] É como se o falante, tangido por um inesperado transporte místico, visualizasse de fora, do alto, do além, os estados de coisas que ele mesmo acionou, separando diligentemente (i) o que dura, (ii) o que começa e acaba, e (iii) o que se repete. Os aspectos imperfectivo, perfectivo e iterativo resultam desse lance meio esquisito. (CASTILHO, 2010, p.417)

Pode-se concluir que o pretérito mais-que-perfeito é assim chamado por ser uma das formas de representar o aspecto perfectivo no tempo pretérito de uma ação que ocorreu anteriormente a uma outra também no pretérito. O posicionamento, bem como a correta sequenciação dos acontecimentos de uma história são determinantes para a construção de uma ordem lógica na narrativa. A língua dispõe de alguns recursos que permitem a organização temporal do discurso, entre os quais os verbos desempenham papel importante. Uma das características categorizantes de uma palavra nessa classe, inclusive, diz respeito a sua capacidade de indicar o tempo.

Dessa forma, a definição e a reflexão sobre tais propriedades do verbo e de seus efeitos, fazem-se necessárias para que se possa compreender a forma como se realizarão no texto e, assim, os conceitos de mundo narrado e de mundo comentado, assunto de que trataremos adiante.

2.1. PRETÉRITO NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA

Uma das mais importantes modalidades de comunicação humana consiste na narração de fatos. Excetuando-se casos específicos, como a narração ao vivo de uma partida de futebol ou a descrição de uma cena que está acontecendo no momento para uma pessoa cega, por exemplo, quando se conta algo a alguém, geralmente já não se está mais no tempo em que os





fatos narrados ocorrerem, estes ficaram, em relação ao momento em que a história é contada, no passado.

Existem, segundo ele (Weinrich, 1964,1971), dois tipos de atitude comunicativa: comentar e narrar.[...] Em português, são tempos do mundo comentado o presente do indicativo, o pretérito perfeito (simples e composto), o futuro do presente; e tempos do mundo narrado, o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito, o pretérito mais-que-perfeito, e o futuro do pretérito do indicativo. (KOCH, 2010, p. 43)

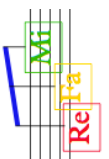
Como se pode depreender, o tempo inerente ao texto narrativo é o passado. Benveniste (1976) aponta ainda uma segunda atitude comunicativa que compete com essa, a de comentar o presente e tentar convencer o interlocutor, o que se verifica na expressão de opiniões e em textos dialogados. Aqui, enunciador e enunciatário estão, de alguma forma, presentes no discurso e sua expressão temporal fica, portanto, onde está o locutor, no tempo presente. Essa constatação é a chave para os conceitos de mundo comentado e de mundo narrado de que trataremos a seguir.

Quanto à perspectiva, tem-se, em cada mundo, os tempos-zero (sem perspectiva) e os tempos retrospectivos e prospectivos. No mundo comentado, o tempo-zero é o presente; o retrospectivo, o pretérito perfeito e o prospectivo, o futuro do presente; no mundo narrado, há dois tempos-zero – o pretérito perfeito e o imperfeito; o pretérito mais-que-perfeito é retrospectivo; e o futuro do pretérito, prospectivo com relação aos tempos-zero. (KOCH, 2010, p.43)

Quando na esfera do narrar, o tempo zero do texto é o pretérito, o imperfeito como pano de fundo, permitindo a construção de aspectos situacionais, e o perfeito, exprimindo as ações a serem contadas. Na transição para o mundo comentado, que, na narrativa, se expressa na fala das personagens, o tempo zero do texto passa a ser o presente.

3. DISCUSSÕES E RESULTADOS

Os conceitos apresentados por Benveniste e Weinrich apud Koch (2010) foram facilmente identificados nos contos produzidos pelos alunos do 7º ano para a disciplina de



Ciências. Um fato que chama a atenção nas redações analisadas, no entanto, é que na maior parte delas há uma prevalência do uso apenas do pretérito imperfeito, como pano de fundo, e do pretérito perfeito no primeiro plano da narrativa. Ou seja, os textos são curtos e pobremente elaborados. Poucos alunos criam situações mais complexas, como fatos que teriam ocorrido anteriormente aos de primeiro plano da narrativa, indicação de passagem de tempo e descrição de fatos que ocorreriam posteriormente ao tempo da narrativa.

Em tentativas de elaboração de uma narrativa mais complexa, um número significativo de alunos posiciona os fatos do momento retrospectivo em relação ao tempo da narrativa de forma equivocada, utilizando o verbo no pretérito perfeito onde caberia o mais-que-perfeito. Entre os textos em que esse fato se pode verificar, o que segue oferece elementos interessantes para a análise dos conceitos apresentados pelos teóricos supracitados.

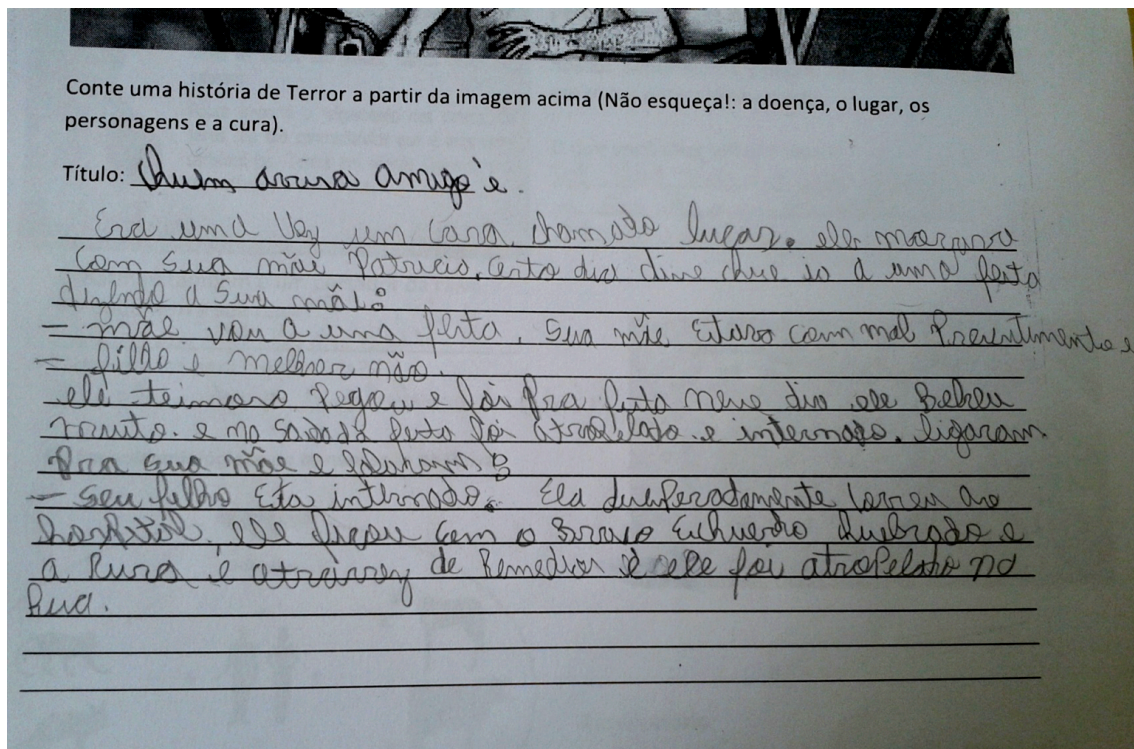
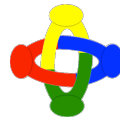


Figura 1: produção do aluno. Fonte: acervo particular da professora.

O texto, como se pode verificar, revela diversas dificuldades de uso da língua as quais não serão relevadas neste momento em que o foco de análise está voltado ao quanto se pode verificar de forma bastante consistente as teorias ora discutidas neste trabalho. Observe-se, primeiramente, as passagens a seguir:

“Era uma vez um cara chamado Lucas. Ele **morava** com sua mãe Patrícia. Certo dia ele **disse** que ia a uma festa...”



“– Mãe, **vou** a uma festa.”

“– Filho, **é** melhor não.”

“Ele, teimoso, pegou e **foi** para a festa. Nesse dia ele **bebeu** muito e na saída da festa **foi atropelado** e (foi) **internado**. **Ligaram** para sua mãe e **falaram**...”

“– Seu filho **está internado**”

Nota-se que no trecho transcrito da redação do aluno, pode-se verificar exatamente o que descreve Weinrich e Benveniste. Enquanto na esfera do narrar, o aluno utiliza os verbos no passado (morava, disse, bebeu). Quando introduz as falas das personagens por meio do discurso direto, aplica os verbos no presente (vou, é).

O problema verificado pode ser melhor compreendido quando analisado sob a óptica da atitude comunicativa. Nota-se que, no caso em questão, o aluno não apresenta dificuldade em realizar a transição entre o mundo narrado e o mundo comentado, o que segundo Benveniste aconteceria de forma muito recorrente na comunicação humana e, inclusive de forma natural.

Cada vez que no seio de uma narrativa histórica aparece um discurso, quando o historiador, por exemplo, reproduz as palavras de uma personagem ou intervém, ele próprio, para julgar os acontecimentos referidos, se passa a outro sistema temporal, o do discurso. O próprio da linguagem consiste em permitir essas transferências instantâneas. (BENVENISTE, 1976, p.267)

Pode-se notar que o aluno realiza essa transferência de um discurso a outro em conformidade com o que Benveniste observa, na maior parte do texto. Nos primeiros parágrafos, o texto é intercalado entre passagens narrativas, em que os fatos estão sendo contados, e introdução, por meio de discurso direto, das falas das personagens. Ao introduzir as falas da personagem Lucas e de sua mãe, o aluno usa os verbos no presente, pois o mundo do discurso exige um outro sistema temporal.

Até a parte da história que foi transcrita acima, pudemos verificar que o uso dos verbos acontece adequadamente e a transição que ocorre entre os tempos do mundo narrado e os tempos do mundo comentado pode ser verificada na produção do aluno. A parte problemática de seu texto é a que se segue ao último fato narrado e está transcrita a seguir.

“Ela desesperadamente **correu** ao hospital, ele **ficou** com o braço esquerdo quebrado e a cura é através de remédios e ele **foi atropelado** na rua.”





Retomando o que ocorrera na história até então, pode-se resumir os fatos da seguinte forma: um rapaz foi vítima de um acidente e sua mãe foi chamada ao hospital. Dessa forma, o que causa confusão no trecho destacado é o fato de que, no momento em que a mãe do garoto chega ao hospital, o acidente já havia acontecido, portanto, é um acontecimento anterior ao que ocupa o tempo zero na narrativa nesse momento. Seguindo a teoria em discussão neste trabalho, deveriam ir para o pretérito mais-que-perfeito o verbo 'ficar' e a locução verbal 'foi atropelado' e no futuro do pretérito o verbo 'ser'.

Pode-se ainda atribuir o fato de o aluno ter utilizado o presente como tempo zero no trecho a uma intenção mal executada de representar, por meio do período sublinhado no parágrafo, a fala de um médico, informando a mãe sobre o estado do paciente, o que tornaria então adequado o uso do tempo presente. Esta análise não descarta totalmente essa possibilidade, porém, chama a atenção para o fato de que em todas as vezes em que apareceu a fala das personagens em momentos anteriores da narrativa, o aluno introduziu o discurso direto adequadamente.

Pensando em cada uma das duas diferentes atitudes comunicativas, seriam alternativas de correção desse período as seguintes:

- Discurso direto (mundo comentado):

“O médico disse à mãe:

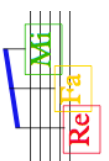
*– Ele **ficou** com o braço esquerdo quebrado e a cura **é** através de remédios. Ele **foi atropelado** na rua.”*

- Relato do fato em discurso indireto (mundo narrado):

*“Ele **havia ficado** com o braço esquerdo quebrado e a cura **seria** através de remédios. Ele **havia sido atropelado** na rua.”*

No primeiro caso, seria feita mais uma vez a transposição da esfera do narrar para a do diálogo, cujo sistema temporal é o do presente como tempo zero, assim, os eventos retrospectivos podem ser representados no pretérito perfeito, como o aluno realizou. No segundo caso, considera-se que a atitude comunicativa permanece a do narrar, ou seja, relatar o que a mãe do jovem constatou a chegar ao hospital. Dessa forma, o tempo zero da narrativa é o pretérito perfeito e os fatos anteriores aos que estão nesse plano, devem ser representados pelo pretérito mais-que-perfeito.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS



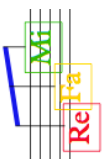


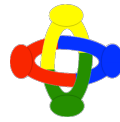
Retomando a problemática sobre o que se deve ensinar de gramática em aulas de Língua Portuguesa, ou mesmo se a gramática deve ou não ser ensinada, o fato ora analisado demonstra que dentre as muitas questões de linguagem que possam fazer parte do programa de curso de língua materna da Educação Básica, aquelas concernentes ao uso dos verbos são sempre de incontestável importância, pois como afirma Bagno (2012), o verbo é uma das classes de palavras essenciais de qualquer língua. Provocar situações em que apenas repetir fórmulas não será suficiente para resolver as questões com que o aluno irá se deparar ao compor seus textos parece ser uma caminho apontado por Bagno no trecho citado. É preciso propor atividades em que seja possível o exercício da norma em função de atender a uma determinada necessidade do processo de produção textual, construção de efeitos de sentido ou expressão de ideias de forma clara.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed.rev., ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral**. [Trad. de Maria da Glória Novak e Luiza Neri do orig. francês: *Problèmes e linguistique générale*]. São Paulo, Editora Nacional/EDUSP, 1976.
- CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**.- 3ª ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2010.

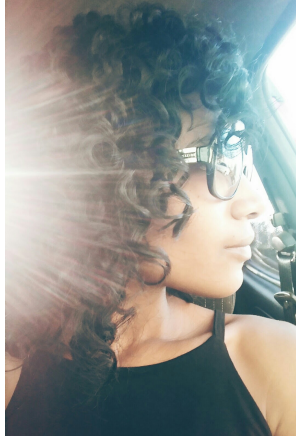
Recebido em 13 de junho e aprovado em 22 de junho





Sobre a Autora:

Elizabeth da Silva Macena



EM

estra em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduada em Letras com habilitação em Português e Inglês pela Universidade Católica de Santos (Unisantos). Professora de Língua Inglesa e Língua Portuguesa do Ensino Médio, Técnico e Superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). Pesquisadora da área de ensino de língua materna e materiais didáticos de Língua Portuguesa, atualmente flertando com os estudos literários e autores africanos e afro-brasileiros. Membro do Comitê de direitos humanos, igualdade étnico-racial e de gênero do IFSP Sertãozinho. elizabethmacena@ifsp.edu.br; elizabethmacena@hotmail.com.

